

Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva

Marco Calado
João Pimenta
Lídia Fernandes
António Marques

Resumo Com este artigo pretende-se dar a conhecer o conjunto de cachimbos produzidos em caulino recolhidos no decurso dos trabalhos arqueológicos na Praça Luís de Camões em Lisboa. Este conjunto, pela variedade tipológica e amplitude diacrónica que apresenta, permite obter um primeiro vislumbre sobre os ritmos de importação deste tipo de artefacto bem como sobre a precoce introdução e forte enraizamento do hábito do “fumo” no quotidiano lisboeta no decurso de mais de dois séculos.

Abstract With this article we intend to publish a set of kaolin pipes recovered during archaeological works in the Praça Luís de Camões in Lisbon. This set, by the variety of its typological features and extended diachrony, allows us to obtain a first glimpse into importing rhythms of such artifacts as well as the early introduction and rooting of “smoking” habits in Lisbon in the course of over two centuries.

1. Contextualização histórica

Com início em Junho de 1999 e conclusão em Janeiro de 2000, as intervenções arqueológicas na Praça Luís de Camões surgem da decisão camarária de construção de um parque de estacionamento subterrâneo neste local, e foram dirigidas por Lídia Fernandes e António Marques, do Museu da Cidade – Divisão de Museus e Palácios (Fernandes & Marques, 2007).

Localizado no coração do Bairro Alto, defronte à Igreja do Loreto, esta praça setecentista, é o desfecho para os célebres “Casebres do Loreto”, que se foram instalando no degradado Palácio de Marialva, após o Terramoto de 1755, de cujo piso inferior as intervenções revelaram um impressionante conjunto de estruturas.

O Bairro Alto (cintado pela Rua da Horta – Návía) desenvolve-se desde inícios de quatrocentos na encosta sul (delimitada marginal-

mente pelo eixo da Rua de Cata-que-farás e a norte junto às Portas de Santa Catarina), no espaço então conhecido como Vila Nova de Andrade, cujo programa urbanístico respeitou o espírito racional renascentista.

Parte destas primitivas construções, junto às Portas de Santa Catarina, serão derrubadas em meados do século XVII para a construção do palácio de D. António Luiz de Meneses, 3.º Conde de Cantanhede, 1.º Marquês de Marialva, Capitão-General do Reino, destacada e heróica figura da Restauração.

Com obras a decorrer em finais de 1652, este edifício resistirá perto de uma centúria até ser profundamente afectado pela catástrofe de 1755. Embora se conheça um projecto de reconstrução da autoria de Eugénio dos Santos, não parece ter existido nenhuma valorização assinalável do palácio, tendo no seu lugar surgido, por ocupação gradual, um pequeno “bairro popular”, denominado (devido à sua proximidade com a igreja) por “Casebres do Loreto”, no qual Ribeiro de Guimarães refere 28 estabelecimentos comerciais instalados no R/C e que fitarão o seu termo em 1859 com a construção da actual praça pública (Guimarães, 1875, pp. 208–210).

Desta forma o espólio exumado durante as intervenções arqueológicas reflecte três momentos distintos da evolução social e urbana do espaço. Um primeiro relacionado com as modestas casas de habitação popular quinhentistas e seiscentistas — do qual reduzidos vestígios foram registados — um segundo marcado pela vida faustosa de uma das grandes famílias aristocráticas de Lisboa durante o século XVII e primeira metade do século XVIII e, finalmente, um terceiro momento relacionado com a vida diária e profissional das classes sociais mais baixas que ocorre a partir de finais do século XVIII e se prolonga até ao século XIX. Se estas distinções são patentes no espólio cerâmico, não deixa de ser curioso (como veremos), que tal não se encontre reflectido nos cachimbos que agora apresentamos, estando apenas presentes as produções de caulino de qualidade inferior por oposição às produções de porcelana, apenas acessíveis a classes abastadas.



Fig. 1 – Vista geral da intervenção.

Como referido, a edificação do Palácio de Marialva implicou a destruição das construções quinhentistas, das quais apenas se detectaram níveis meramente vestigiais, no entanto, o reaproveitamento de elementos construtivos, integrou muitos destes componentes no palácio seiscentista, e que foram recolhidos quer no interior dos muros, quer embalados em argamassas. Para além dos cachimbos Ingleses e Holandeses (de certa forma mais divulgados no nosso território), não podemos deixar de salientar, a pequena colecção de cachimbos designados por “Fluted Pipes” recolhidos nos contextos oitocentistas dos “Casebres”.

Os cachimbos de importação recolhidos, como já foi referido, consistem exclusivamente em produções de caulino, totalizam 703 elementos, correspondendo a 666 fragmentos

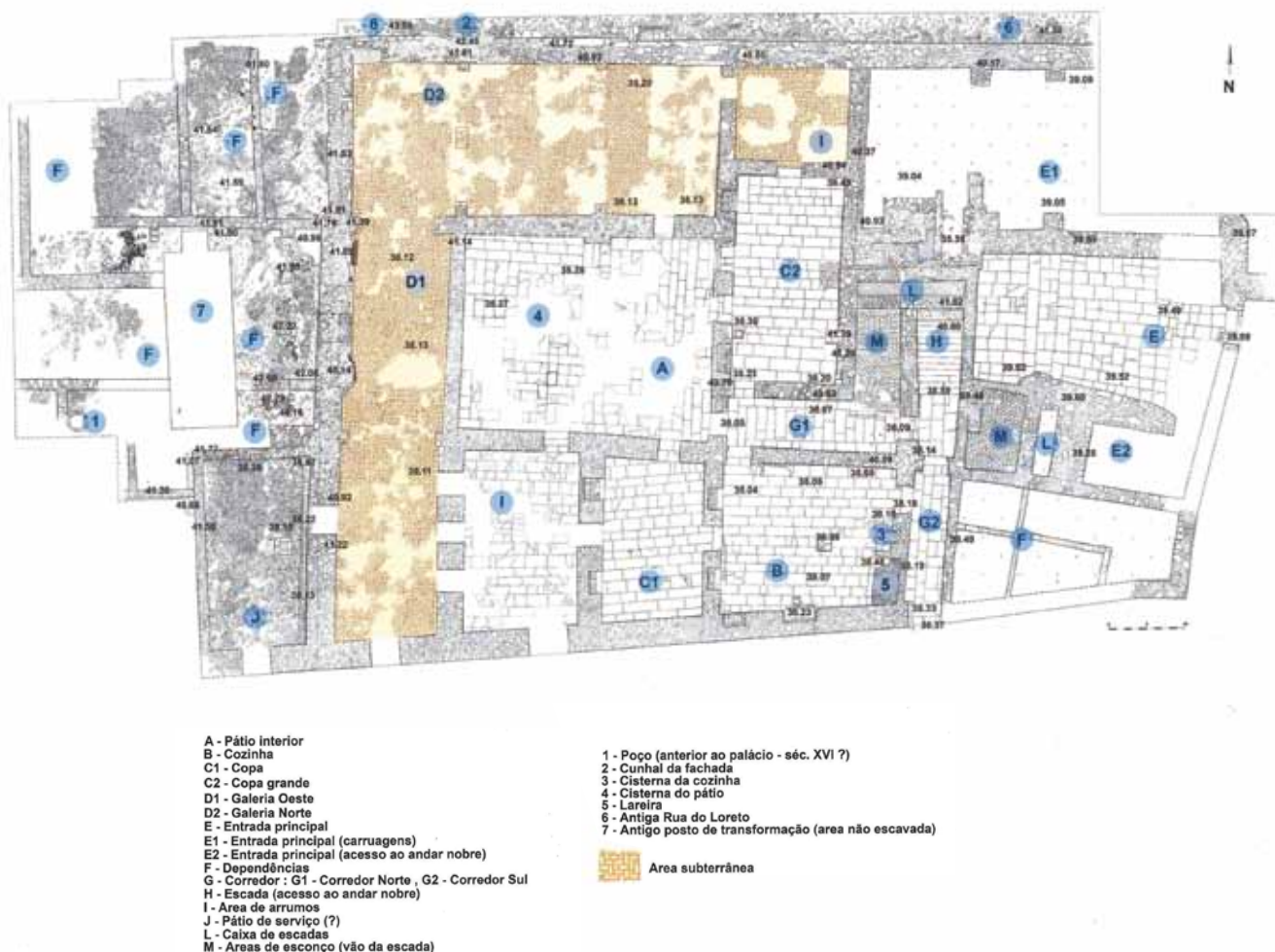


Fig. 2 – Planta geral das estruturas do Palácio Marialva.

de haste e 37 fragmentos de fornalhas. Destes, 29 apresentam marca de produtor, sendo 8 impressas sobre a haste e 21 sobre o pedúnculo da fornalha. Recolheram-se ainda 33 hastes decoradas e 7 motivos decorativos nas fornalhas. As produções locais de argila, correspondem a 19 fragmentos, sendo todos fragmentos de haste, dos quais apenas três ainda preservam arranque de fornalha.

2. Produções seiscentistas

Muito embora as produções de cachimbos em caulino se tenham começado a banalizar a partir do final do século XVI e o desenvolvimento urbanístico do Bairro Alto já se encontrar perfeitamente delineado em meados do mesmo século, não se recolheu nenhum exem-

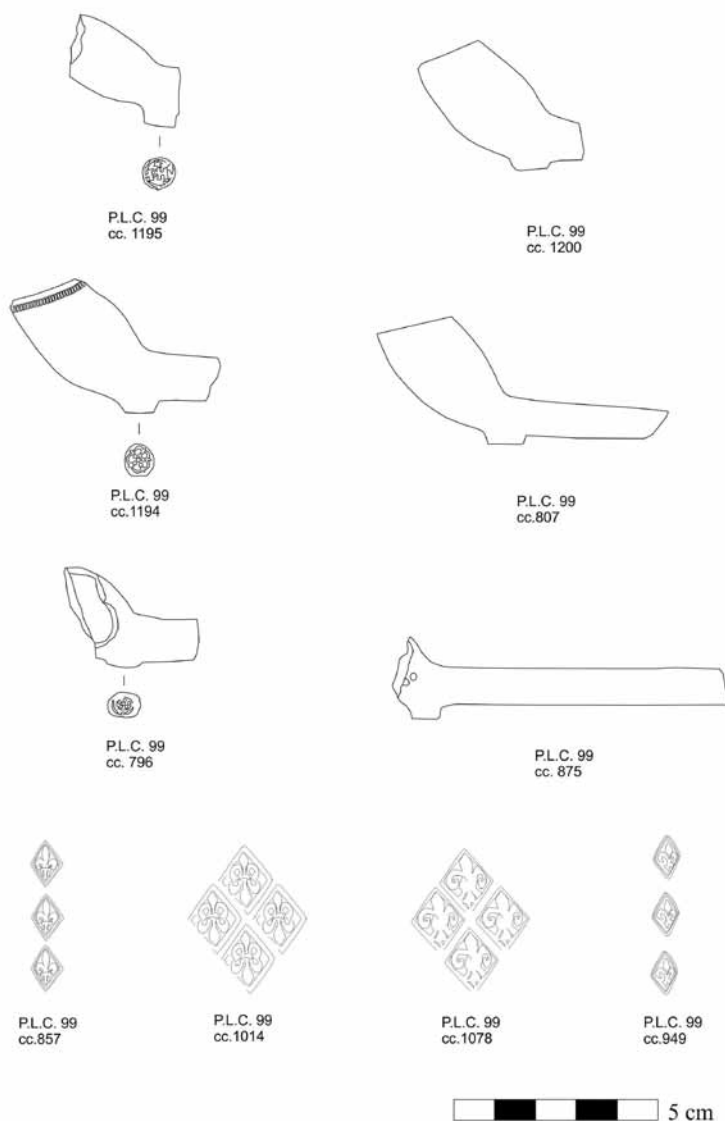
plar passível de se enquadrar cronologicamente nesta centúria.

O elemento de cronologia mais recuada corresponde ao n.º 1195 (Fig. 3). Encontrava-se depositado em contextos correspondentes à fase inicial de utilização do palácio (compartimento F1/ 3.ª fase/ camada 8), datado por um numisma de D. João IV. O modelo de fornalha ainda mantém características “arcaicas”. Apresenta a marca “PH”, em cartela circular, encimada por uma estrela de 5 pontas no fundo do pedúnculo. Entre os produtores holandeses com estas iniciais encontramos Pieter Heeling, cuja oficina produziu cerca de 1690 num primeiro momento e entre 1725 e 1813 numa segunda fase produtiva, sendo que a versão mais antiga da marca, apresenta apenas as iniciais e numa segunda versão estas se apresentam coroadas. O

segundo produtor corresponde a Pieter Corneliz Hagennar (1670–1674/1705–1710) do qual apenas se conhece “PCH” na segunda fase produtiva. Já com produção no século XVIII encontramos Pieter Den Hengst (1736–1746/1749), cuja marca corresponde a “PDH” (Duco, 1982, pp. 82–89). Não identificamos nenhum produtor britânico com estas iniciais. A integração destes produtores apenas a partir da segunda metade do século XVII, inviabiliza qualquer aceitação como responsáveis pelo exemplar em causa, não só pelos contextos estratigráficos em que este se encontra, mas também pela própria tipologia da fornalha que se enquadra em modelos holandeses de meados do século XVII (Duco, 1987, p 34). Modelos semelhantes foram recolhidos em Pittenweem. Um elemento a par com azulejos hispano-árabes e “olive-jars” em contextos integráveis, segundo os autores, entre 1630 e 1640, e um outro, cuja marca se apresenta muito aproximada à nossa, mas que consiste em “CD” encimado também por uma estrela de cinco pontas, em contextos balizados entre 1640 e 1710 (Martin, 1987). Também com proveniência do compartimento F1/ 3.ª fase, mas da camada 3, e como tal ainda integrável na 1.ª fase utilitária do palácio (embora de um momento mais avançado), corresponde o cachimbo n.º 1194 (Fig. 3). Equivale a uma fornalha completa com um filete decorativo de pequenos rectângulos contornando o bordo, apresenta ainda a marca em pedúnculo de uma “rosa Tudor” (*roos ongekroon*).

Esta tipologia de fornalha tem os seus primeiros paralelos cerca de 1630 na Holanda (Duco, 1982, p. 48) com a “rosa Tudor” impressa, tornando-se nas formas mais comuns entre 1675 e 1690 (Duco, 1982, p. 111), de que encontramos bons paralelos no naufrágio do Kennermerland, datado de 1664 (Martin, 1983). O formato da “rosa Tudor” também se enquadra em paralelos datados da década de sessenta da mesma centúria (Duco, 1987, p. 89, n.ºs 465, 467).

Com o mesmo motivo impresso em pedúnculo, embora mais estilizado e com a fornalha fragmentada, temos o exemplar 796 (Fig. 3). Os



paralelos e a cronologia são os mesmos que o anterior, integrando-se portanto, no terceiro quartel de seiscentos. Proveio do sector sudeste, entre duas estruturas (6 e 11), denunciando uma remodelação do espaço.

Ao final desta centúria são atribuíveis os cachimbos com os números 807 e 1200 (Fig. 3). Correspondem a duas fornhalhas completas. O segundo ainda apresenta um ligeiro estrangulamento junto ao bordo, embora pouco pronunciado, que caracteriza as produções anteriores, conferindo-lhes um aspecto de bolbo. O primeiro, com o número 807, já prenuncia as características dos cachimbos da primeira

Fig. 3 – Produções seiscentistas.

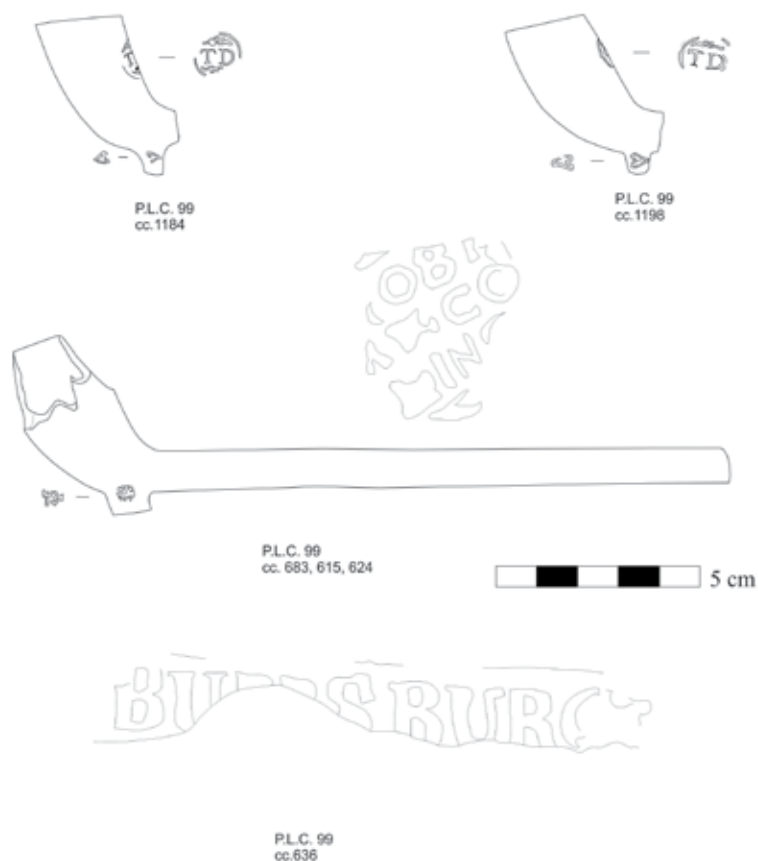


Fig. 4 – Produções inglesas.

metade de setecentos, em que o diâmetro do bordo, corresponde ao diâmetro mais largo da fornalha, particularidade que se perde novamente cerca de meados desse mesmo século. O pedúnculo, ainda mantém, porém, o aspecto curto e largo (Duco, 1987, pp. 47–48).

Um fragmento de haste com pedúnculo e arranque de fornalha apresenta dois círculos na parte preservada desta. São motivos comuns, com paralelos atestados novamente, no naufrágio do Kennermerland (Martin, 1983, p. 214, n.ºs 14 a 22).

Do ponto de vista decorativo, predominam os motivos de “flor-de-lis”, correspondendo a cinco fragmentos de hastes com os números 836, 857, 949, 1014, 1078 (Fig. 3). A flor encontra-se inserida em cartela losangular (*lelie in ruit*). O punção é aplicado em dois exemplares em conjuntos de quatro, formando um novo losango e nos restantes é aplicado em linha.

Dois punções são idênticos (836 e 949) podendo indicar a mesma oficina. A “flor-de-lis” é um motivo largamente utilizado nas produções holandesas, conhecendo a sua divulgação cerca da segunda década de seiscentos. Já a impressão deste motivo, utilizada como marca de fabricante e impressa no pedúnculo, surge em 1660.

O fragmento com o número 883 apresenta o único motivo decorativo vegetalista existente. São, como é fácil de compreender, elementos altamente variáveis, que se tornam comuns na segunda metade do século XVII.

Como se teve a oportunidade de verificar, todas as produções do século XVII são de proveniência holandesa, o que não deixa de ser curioso se atendermos ao clima de instabilidade política e confronto militar que caracterizam as relações entre Portugal e os Países Baixos durante todo o período das guerras da restauração e mesmo após estas. De facto, parece haver preferência destas produções em detrimento das inglesas, país com quem Portugal mantinha estreitas relações, bastando lembrar o casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra. No entanto, o número de exemplares não é suficientemente vasto para que se possa fundamentar de forma segura, qualquer ilação.

3. Produções setecentistas

3.1. Cachimbos ingleses (Fig. 4)

Muito embora as produções holandesas continuem a apresentar os principais centros produtores para os exemplares setecentistas, com destaque para a cidade de Gouda, os cachimbos ingleses encontram-se já representados neste conjunto.

Dois destes correspondem à mesma tipologia e com grande grau de probabilidade, à mesma oficina. São duas fornalhas completas, com pedúnculo preservado e arranque de haste. Formalmente, enquadram-se em tipologias divulgadas a partir da cidade de Hartpool, cerca de 1710 e rapidamente reproduzidas por outros centros (Brown & Gallagher, 1980). Apresentam pequenos corações impressos em

ambos os lados do pedúnculo. São marcas conhecidas do ambiente londrino em meados do século que, provavelmente, aqui terão sido produzidas (Tatman, 1985, pp. 363–371). Mas o elemento mais revelador é a marca TD impressa na parte anterior da fornalha. Indica a presença da oficina de Thomas Dorner, que produziu em Londres em meados do século, atingindo grande divulgação quer no velho continente, quer nas colónias, onde se pode inclusive encontrar bons paralelos para os nossos exemplares, datados de 1748 (Alexander, 1983, pp. 195–234, Fig. 5).

3.2. Cachimbos holandeses (Figs. 5 e 6)

Com os números 824 e 1199 encontramos duas fornalhas tipologicamente semelhantes e balizáveis entre 1700 e 1755 (Duco, 1982, p. 111). O primeiro apresenta apenas uma típica decoração quadrangular junto ao bordo. Proveio da camada 12 da 2.ª fase do compartimento F1, enquadrando-se como tal, em plenos contextos setecentistas, tendo sido exumado a par de um numisma de D. Pedro II datado de 1703. O segundo, a par da mesma decoração junto ao bordo, apresenta também as armas da cidade de Gouda encimadas pela letra S, em ambos os lados do pedúnculo e na base deste um B coroado. O “S” representa a qualidade do produto (*Slegd* – inferior). São marcas largamente vulgarizadas, que conheceram imitações nas cidades de Gorinchem e Andenne, e já por nós identificadas em Lisboa (Calado, Pimenta & Silva, 2003). O B coroado é impresso em Gouda entre 1661 e 1871/1875, conhecendo-se cinco fabricantes que utilizaram esta marca. Pode-se considerar as oficinas Jan Bastiaenz (1704), Bastiaan Overwessel (1737–1770) ou Jan Overwessel (1730–1746) como possíveis origens dos exemplares apresentados (Fig. 7).

Um fragmento de haste com pedúnculo — o exemplar 657 — apresenta impresso um “leão elevado sobre águas” (*wapen van zeeland*), em clara alusão a “superioridade” holandesa no domínio náutico. É uma marca de Gouda em uso entre 1675 e 1761. Proveio do

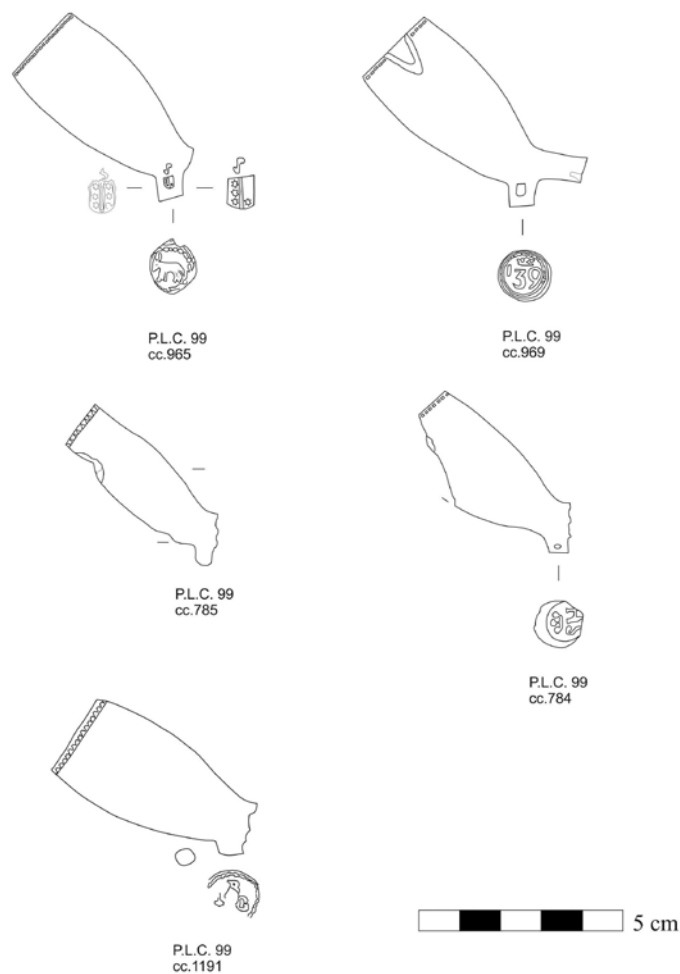


Fig. 5 – Produções holandesas.

mesmo contexto que o exemplar 824, datado por um numisma de D. Pedro II (Fig. 6).

Da mesma posição estratigráfica que o exemplar anterior, vieram as fornalhas 784 e 785, tipologicamente idênticas, e cuja produção tem os seus inícios cerca de 1730 perdurando ainda na primeira quinzena de novecentos (Duco, 1982, p. 111). O número 784 apresenta um pequeno círculo na parte lateral do pedúnculo e SH coroado impresso na base deste (Fig. 5). É uma marca comum, utilizada entre 1667 e 1849, não se conhecendo no entanto, nenhum produtor associado.

O exemplar seguinte encontra impresso na parte anterior da fornalha o relevo de uma cartela circular, limitando uma mão que segura uma pena (*schrijvende hand*, Fig. 6).

É uma marca utilizada entre inícios e meados

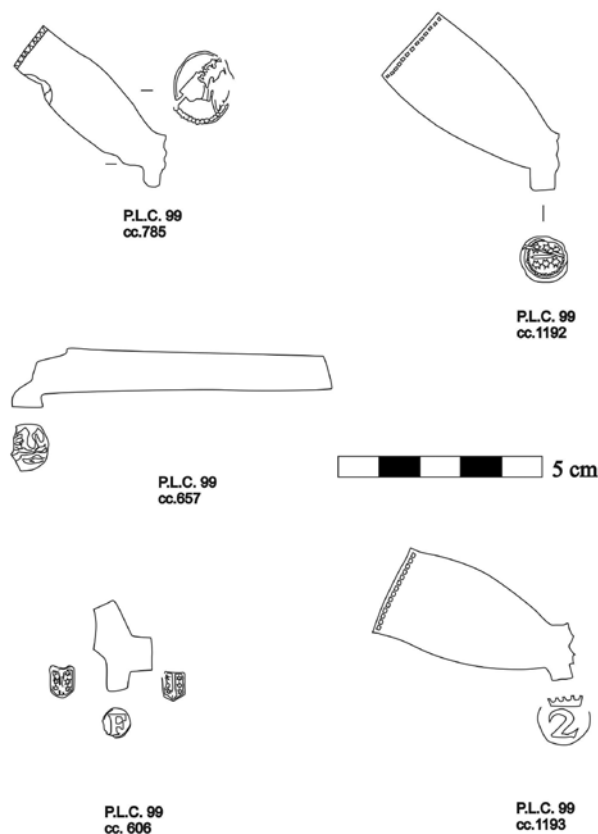


Fig. 6 – Produções holandesas.

do século (1710/1716–1759), infelizmente também não se encontra associada a nenhum produtor em particular (Duco, 1982, p. 67). Os dados destes cinco últimos cachimbos — tipologias e marcas — são suficientes para atribuir ao seu contexto arqueológico uma cronologia relativamente fina, balizada entre 1730 e 1759.

Ainda deste contexto e apresentando também as armas de Gouda impressa em ambos os lados do pedúnculo, surgiu um fragmento de fornalha com arranque de haste (n.º 606, Fig. 6). As dimensões do fragmento impossibilitam uma identificação tipológica segura. Por outro lado, o fragmento ostenta ainda o cunho de um F maiúsculo no pedúnculo. Esta marca foi utilizada por várias oficinas durante quase uma centena de anos (1690/1699–1782).

Com as armas desta cidade em cartela circular impressa no fundo do pedúnculo, encontramos o exemplar n.º 1192 (Fig. 6). A forma

da fornalha aponta-nos para uma datação compreendida entre 1735 e 1775. As armas de Gouda apresentadas desta forma surgem logo em finais do século XVII perdurando nos duzentos anos seguintes.

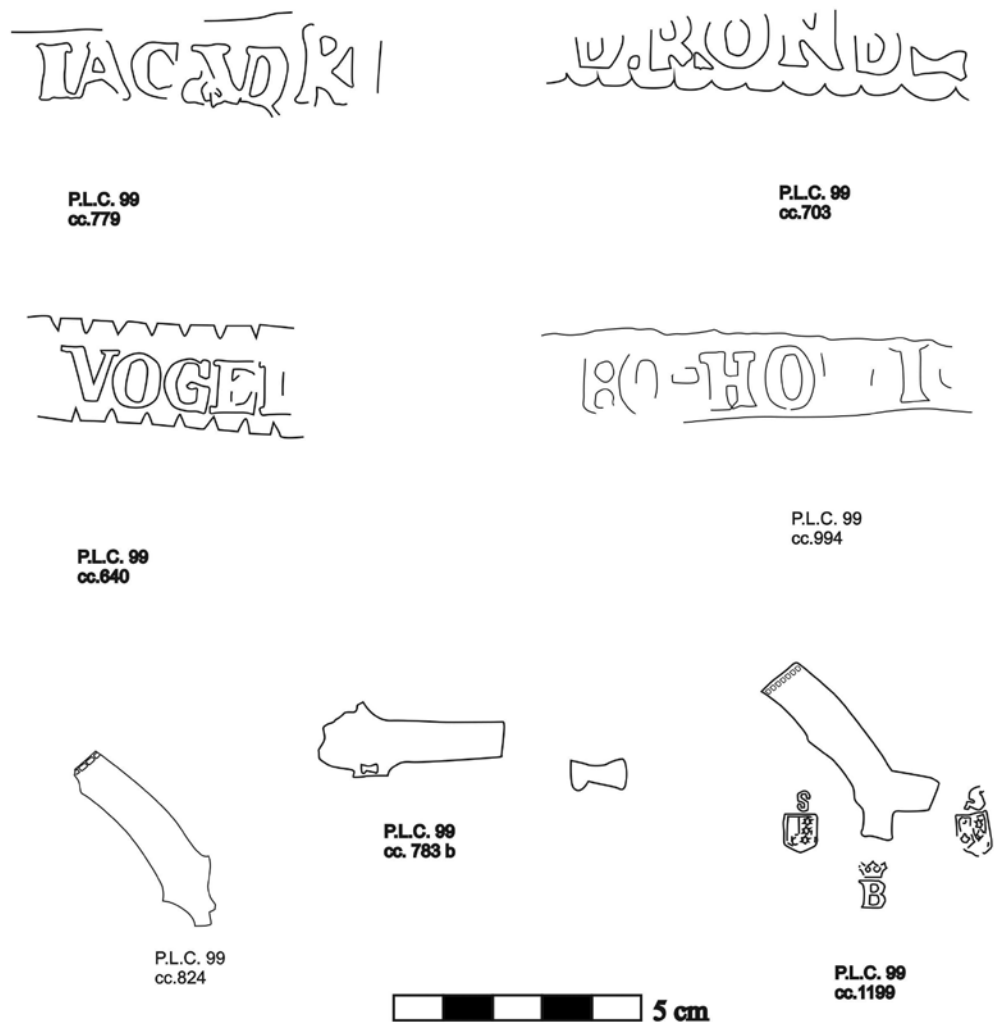
Com a tipologia de fornalha enquadável no terceiro quartel do século XVIII, encontramos o exemplar 1193 (Fig. 6). Apresenta ainda o número 2 coroado, impresso no fundo do pedúnculo. Esta marca encontra uma extensa divulgação com início em 1679, perdurando até à década de quarenta do século XX.

Também datado da segunda metade do século XVIII, mas cuja fornalha antevê já as formas novecentistas, apresentamos o exemplar 1191, com a marca ABC no fundo do pedúnculo e um círculo na parte lateral do mesmo (Fig. 5). A forma corresponde a tipologias existentes entre 1775 e 1815 e o cunho conhece o seu uso entre 1717 e (novamente) 1940. Foi recolhido no entaipamento da porta norte do compartimento L, a par de um numisma de D. João V datado de 1734.

Foram identificados dois nomes de fabricantes impressos sobre a haste, correspondem aos números 640, 703 e 779 (Fig. 7). O primeiro refere-se a “Vogel” e o segundo apresenta “IACVDR”. Foram recolhidos no mesmo contexto que os cinco exemplares iniciais, cujas produções permitem aferir uma cronologia entre 1730 e 1759. Muito embora estratigraficamente bem datado, não nos foi possível identificar nenhum produtor com este nome, embora seja um apelido relativamente comum nos Países Baixos, o mesmo acontecendo com o exemplar 779. Na lista de fabricantes de Gouda (St. Lansman’s) encontram-se referidos Jacobsz Van Der Aerden (1660/1665–1670/1675), Jacobsz Abraham (1660/1665–1690/1703), Jacob Van Kleef (1695/1703–1733), Jacob Nobel (1742–1753), Jacob de Potter (1736–1740/1746), Jacobus Tubal (1700/1710–1757), Jacob de Vrient (?) e ainda Jacob Wiltchut (1710/1720–1733). Embora admitindo que este elemento se enquadra nas produções holandesas do século XVIII não nos parece provável que provenha das oficinas de nenhum dos fabricantes apontados (IACVDR(...)).

Ainda do compartimento F1, mas infelizmen-

Fig. 7 – Marcas de produtores e produções holandesas.



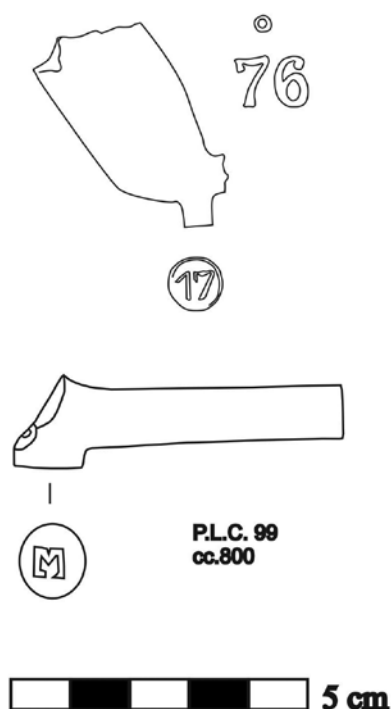
te recolhido nas camadas superficiais, surge o fragmento de haste onde se encontra impresso “IN GOUDA – D.RONDE”. Refere-se à oficina de *Paulos de Ronde*, que produziu nesta cidade cerca de 1770 (Fig. 7).

4. Produções de finais do século XVIII e oitocentistas

Foram recolhidos dois exemplares com a mesma tipologia na camada 13 da sondagem 6, localizada no sector SE. Depósitos nos quais se recolheu também um numisma de D. João

VI de 1812. As cartelas, nomeadamente a do segundo exemplar que, apresentam círculos ao invés de estrelas, nas armas de Gouda, apontam-nos para imitações dos fabricos desta cidade. A fornalha corresponde a uma evolução das formas holandesas de meados do século XVIII mas caracterizada pela sua maior dimensão e ligeiro estreitamento do lábio em relação à parede central. Estas formas conhecem o seu início em 1775 e perduram até 1815. O exemplar 969 apresenta uma cartela com motivo muito indistinto na parte lateral do pedúnculo e o número 39 coroado dentro de círculo na base do mesmo. São conhecidas

Fig. 8 – Produções oitocentistas.



4 oficinas com esta marca na primeira metade do século XIX, são as de Geertruij van Houwening & Gerrit Vergeer (1810); Martinus Vlak (18109; Arnoldus van Straaten (1827–1848) e A. van Straaten (1850).

O exemplar 965 tem impresso as armas de Gouda sob um S (sledg), com um bovídeo (os) em cartela circular de pérolas na base do pedúnculo. São conhecidos 5 produtores com esta marca (Claes de Jonge – 1693; Cornelis Verhoek – 1727; Steven Houtam – 1764; Arij Proefhamer – 1781; Jacobus Jansz. de Ronde – 1813–1838), podendo-se considerar Jacobus Jansz. de Ronde como o responsável pelo nosso exemplar, dado o contexto estratigráfico em que o mesmo foi recolhido (Fig. 5).

O exemplar 1191 conserva o forninho completo e com pedúnculo impresso lateralmente por um pequeno círculo e a base com um B e C legíveis, em cartela circular perolada (Fig. 5). Na forma corresponde a produções posteriores à segunda metade do século XVIII e na marca tem paralelos datados entre 1775 e 1815 (Duco, 1982, p. 111).

A meados de oitocentos corresponde o cachimbo 1201 de inventário (Fig. 8). Exibe o número 76 sob pequeno círculo na lateral do pedúnculo e o número 17 na base. O número 76 no fundo do pedúnculo foi cunhado entre 1727 e 1843 (Duco, 1982, p. 99). O número 17, para além das produções de Gouda, conhece imitações até 1899 em St. Omer, Gorinchem, St. Hortogen-Bosch (Duco, 1982, p. 103). O nosso exemplar encontra correspondência com um cachimbo recolhido nas intervenções em Church Garden em Fife (Pittenween, Escócia), em contextos de meados do século XIX (Martin, 1987). Foi recolhido a par de um numisma de D. Maria II.

Com o número 800, encontramos um fragmento de haste com pedúnculo preservado, o qual possui impresso na base a letra M (Fig. 8). É uma marca que se encontra atestada entre 1667 e 1940, com imitações em Andenne. Propomos uma cronologia genérica do século XIX apenas com base no estilismo da marca. Embora com larga difusão no século XIX, foram recolhidos pela primeira vez no nosso território (pelo menos do nosso conhecimento) um conjunto dos designados *Fluted Pipes* (Fig. 9).

Se, tipologicamente, as fornhalhas se enquadram em modelos produzidos a partir de 1770, o género decorativo é típico da primeira metade do século XIX. Entre os paralelos mais aproximados aos exemplares que se apresentam, destacam-se os exumados nas intervenções do Victoria Hotel (Auckland, na Nova Zelândia), com contextos selados entre 1842 e 1865 (Brassey, 1991); os cachimbos recolhidos nas intervenções do Erie Canal Harbor (Buffalo, Nova York, Critchley, s/d), com cronologias datadas de 1850 e, finalmente, em Bristol no Reino Unido, com cronologias finas entre 1817 e 1823 (Jackson, Beckey & Baker, 1991). Se no caso dos exemplares de Bristol e Buffalo se torna inquestionável uma produção britânica, é importante salientar a existência da marca *Philos, Paris*, impressa na haste do exemplar recolhido na Nova Zelândia. No caso dos exemplares da Praça Luís de Camões, três apontam para produções britânicas e um apresenta características holandesas, onde também se encontram atestadas

produções com este género decorativo. Esta dispersão geográfica e a variedade de centros produtores certificam a ampla divulgação destes cachimbos, difusão de que Lisboa nunca poderia passar à margem.



Fig. 9 - Fluted Pipes.

Bibliografia citada

- ALEXANDER, Lynford T. (1983) - Clay tobacco smoking pipes from the Caleb Pusey House. In DAVEY, Peter, ed. - *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, VIII: America*. Oxford: British Archaeological Reports (International Series; 175), pp. 195–233.
- BRASSEY, Robert (1991) - Clay tobacco pipes from the site of the Victoria Hotel Auckland, New Zealand. *Australian Historical Archaeology*. Sydney. 9, pp. 27–30.
- BROWN, Marilyn M.; GALLAGHER, Dennis B. (1980) - A study of the clay tobacco pipes from Hartlepool. In DAVEY, Peter, ed. - *The archaeology of the clay tobacco pipe - III - Britain: the North and West*. Oxford: British Archaeological Reports (British Series; 78), pp. 19–27.
- CALADO, Marco; PIMENTA João; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) - Cachimbos de cerâmica provenientes do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património Estudos*. Lisboa. 5, pp. 83–95.
- CRITCHLEY, John (s/d) - Relatório policopiado entregue a Dean & Barbour, Inc, Appendix A - Pipe Discussion.
- DUCO, Don H. (1982) - *Merken Van Goudse Pijpenmaker 1660–1940*. Amsterdam: Uitgeversmaatschappij De Tijdstroom Lochem, Poperinge.
- DUCO, Don H. (1987) - *De Nederlandse Kleipijp: handboek voor dateren en determineren*. Leiden: Pijpenkabinet.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António (2007) - Intervenção arqueológica na Praça Luís de Camões (1999/2000). Poster apresentado nas sessões “A arqueologia de Lisboa -Sessões no Museu da Cidade”, Museu da Cidade, Lisboa, Maio.
- GUIMARÃES, Ribeiro de (1875) - *Summario de Varia Historia*. Vol. V. Lisboa: Rolland & Semiond.
- JACKSON, Reg; BECKEY, Ian; BAKER, Mike (1991) - Two groups of nineteenth century pipe waste from Bristol. In JACKSON, Philomena, ed. - *Clay pipe research*. Vol. 2. Bristol: The Society for Clay Pipe Research, pp. 97–126.
- MARTIN, Colin J. M. (1983) - A group of pipes from the Dutch East Indiaman Kennemerland, 1664. In DAVEY, Peter, ed. - *The archaeology of the clay tobacco pipe, X*. Oxford: British Archaeological Reports (International Series; 178), pp. 221–224.
- MARTIN, Colin J. M. (1987) - A group of pipes from Mid Shore Pittenweem, Fife. In DAVEY, Peter, ed. - *The archaeology of the clay tobacco pipe, X*. Oxford: British Archaeological Reports (International Series; 178), pp. 183–209.
- TATMAN, Colin A. (1985) - Stamp and mouldings in clay found in London. In DAVEY, Peter, ed. - *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, IX: more pipes from the Midlands and Southern England*. Oxford: British Archaeological Reports (British Series; 146:2), pp. 383–388.